



EDIÇÃO BILÍNGUE  BILINGUAL EDITION

WWW.PHILOS.PT

Questões da qualidade

Crónica de Carlos Castilho Pais

Passatempo

Tradumática

Impressões de viagem

Quality issues

Chronicle by Carlos Castilho Pais

For fun

Tradumatics

Travel musings



A PHILOS ESTÁ DE LUTO

PHILOS IS IN MOURNING

Desde a publicação da passada edição de homenagem ao nosso sócio fundador, António Sílvio Lemos de Oliveira, que temos vindo a receber as mensagens de amizade e de solidariedade de clientes, colaboradores e amigos, lamentando a irreparável perda sofrida pela **philos**.

É, pois, neste espaço privilegiado que convosco mantemos desde há 50 edições, que venho, mais uma vez, agradecer a todos os que, direta e indiretamente, me têm feito chegar preciosas palavras de amizade e conforto, testemunhando, em particular, o grande apreço, admiração e estima que o Sílvio Oliveira mereceu daqueles que tiveram oportunidade de melhor o conhecer.

A todos vós deixo, por isso, a expressão do meu mais sincero reconhecimento.

Since the publication of the previous edition in memory of the founding partner, António Sílvio Lemos de Oliveira, we have received messages of friendship and solidarity from clients, employees and friends, expressing their sorrow at the irreparable loss suffered by **philos**.

It is through this ideal medium that we have maintained for over 50 editions, that I once again thank everybody who directly or indirectly have transmitted to me their precious words of friendship and comfort, a testament in particular to the great appreciation, admiration and warmth in which Sílvio Oliveira was held by those who had the opportunity to know him better.

I would like to express my sincere gratitude to all of you. ■

Margarida Fonseca e Silva
Sócia Gerente :: Managing Partner
margarida2fonseca@sapo.pt



5

Contra a Corrente 🌸 Against the Current

Nós, empresas.
Us, companies.

6

Questões da Qualidade 🌸 Quality Issues

A magia das palavras / The magic of words

7

“... da Ocidental praia lusitana” 🌸 “... from the Western Lusitanian shore”

Almeida

8

Em português 🌸 In Portuguese

Crónica de Carlos Castilho Pais / Chronicle by Carlos Castilho Pais

9

Gosta de flores? 🌸 Are you a flower fan?

10

Passatempo 🌸 For Fun !!!!!

11

Crónica das Leiras 🌸 *Leiras'* farm chronicle

Carta à luz das velas / A letter by candlelight

12

An Englishman in Lisbon 🌸 Um inglês em Lisboa

13

Biblioteca 🌸 Library

(Re)leituras :: (Re)reading
Poemas de Vida :: Lifetime Poems

14

Derivações de um Guarda-Livros 🌸 Musings from a Bookworm

Tudo evolui; não há realidades eternas...

Everything has evolved; there are no eternal facts...

15

Tradumática 🌸 Tradumatics

É tão fácil Procurar e Substituir texto / Search and Replace text made easy!

18

Álbum de Fotografias 🌸 Photo Album

22

Artes 🌸 Arts

29

Impressões de Viagem 🌸 Travel Musings

Nova Iorque - Uma maçã por dia, não sabe o bem que lhe fazia

New York – An apple a day keeps the doctor away





1, 4 & 5 - Almeida; 2 & 3 - Nova Iorque :: New York

Nós, empresas. Us, companies.

No número 49 do nosso magazine, começámos por falar de números. Dois trimestres volvidos importa refletir, mais uma vez, sobre números.

É conhecida a história, mas ainda não sabemos como vai, efetivamente, acabar, daquele que era o segundo maior banco em território nacional, “cheio” de ativos, robusto, bem gerido e considerado um investimento seguro: Ruiu!

Ainda há bem poucos meses, à exceção de alguns economistas, o aumento de capital da instituição era aconselhado, pelos mais altos dignatários da nossa praça e reputados economistas, como um investimento firme, numa instituição credível, com idóneos e ímpolutos gestores. Será que estes lá colocaram dinheiro seu?

Em junho, o aumento de capital foi integralmente realizado, após uma operação de enorme sucesso. Pois... mas, entre janeiro e agosto, o banco perdeu 80% do seu valor em bolsa. Um nome com 150 anos destruído em poucos meses.

Facto é que o império ruiu. Um império iniciado no Séc. XIX e que atingiu o seu expoente máximo no Séc. XXI. Mas, afinal, parece que nunca houve império, mas sim uma torrente de fragmentos descapitalizados, pouco transparentes e mal geridos que criou um sistema de minorias, que, por sua vez garantia, com pouquíssimo capital, o controlo por parte da família que lhe deu nome.

No mercado da localização, como em qualquer outro, a ética é sinónimo de sucesso, mas, muitas vezes, quem toma a dianteira são aqueles cujas práticas se assemelham a truques da alta finança (da má, claro). A relação qualidade-preço é um binómio que parece estar a perder a sua força algébrica e a sua própria definição. Há *players* no mercado a pretenderem fazer crer que, pela sua capacidade inovadora, atingem patamares de produtividade que lhes permitem baixar preços, indefinidamente. O mercado, aquele a quem convém acreditar, porque o preço é apetecível, investe, sem hesitar, com a expectativa de um elevado retorno.

Quem pagará, depois, o preço?



In edition 49 of our magazine, we began by talking about numbers. Half a year later, it's time again to reflect on numbers.

We all know the story so far, but we do not yet know the ending as regards Portugal's second largest bank, “brimming” with assets, in rude health, well managed and considered a safe investment: Phew!

Just a few short months ago, apart from a handful of economists, an increase in the institution's capital had been recommended by the highest dignitaries in our market and reputed economists, as a solid investment in a credible institution, with impartial and untarnished managers. Did they put their own money in?

In June, the capital injection was fully realised, after a hugely successful operation. All good... until, between January and August, the bank lost 80% of its value on the stock market. A name dating back 150 years had been destroyed in a matter of months.

The empire crumbled. An empire that originated in the 19th century and attained its zenith in the 21st century. Only it appears there was never an empire after all, but instead a torrent of underfinanced fragments, with no transparency and poorly managed, which created a system of minorities, which in turn ensured, with a tiny amount of capital, control by the family that gave the bank its name.

In the localisation market, like any other, ethics is synonymous with success, but sometimes those leading the way are people whose practices are similar to the high-finance tricksters (the bad ones, of course).

The quality-price ratio is a binomial which seems to be losing its algebraic force and its very definition. There are players in the market who try to hoodwink others into believing that through their capacity to innovate they reach productivity levels that allow them to lower prices, indefinitely. The market, which wants to believe it because of the enticing price, invests without hesitation, with expectations of a high return.

Who will pay the price in the end? ■


Vítor Silva
 (Office Manager)

magazinephilos

FUNDADOR :: FOUNDER
 Sílvio Oliveira

EDITOR :: EDITOR
 Margarida Fonseca e Silva

TEXTOS :: TEXTS
 philos

COLABORAÇÃO ESPECIAL :: SPECIAL COLLABORATION
 Carlos Castilho Pais

VERSÃO INGLESA :: ENGLISH VERSION
 Thomas Kundert

DESIGN
 Vítor Silva

FOTOGRAFIA :: PHOTOS
 philos
 Sílvio Oliveira
 (Álbum de fotografias :: Photo Album)

PUBLICAÇÃO :: PUBLISHER
 philos - comunicação global, lda

WWW.PHILOS.PT

ISSN - 2182-1550

Esta publicação bilingue, de distribuição gratuita, é exclusivamente eletrónica e destinada ao universo dos nossos parceiros comerciais.



This bilingual publication is delivered free, by electronic means only and to our business partners.

A magia das palavras

The magic of words



Paula Pires
-Quality Manager-

A propósito da palavra “nostalgia”, Milan Kundera, no seu livro *A Ignorância* (D. Quixote, 2011, com tradução de Miguel Serras Pereira), proporciona-nos uma viagem em que a etimologia e a semântica se cruzam para nos dar uma noção de como, em diferentes línguas europeias, o mesmo sentimento pode assumir expressões que, na verdade, não são inteiramente correspondentes. Vejamos o que nos diz Kundera:

O regresso, em grego, diz-se *nostos*. *Algos* significa sofrimento. A nostalgia é portanto o sofrimento causado pelo desejo insatisfeito de regressar. Para esta noção fundamental, a maior parte dos europeus pode utilizar uma palavra de origem grega (nostalgia) e além disso outras palavras com raízes na sua língua nacional: *anoranza*, dizem os espanhóis; *saudade*, dizem os portugueses. Em cada língua, estas palavras possuem uma matriz semântica diferente. Muitas vezes significam apenas a tristeza causada pela impossibilidade do regresso ao país. Recordação dolorosa do país. Recordação dolorosa do lugar. O que, em inglês, se diz: *homesickness*. Ou em alemão: *Heimweh*. Em holandês: *heimwee*. Mas trata-se duma redução espacial da grande noção. Uma das mais antigas línguas europeias, o islandês, distingue bem os dois termos: *söknudur*: nostalgia no seu sentido geral; e *heimfria*: recordação dolorosa do país. Os checos, a par da palavra *nostalgie* vinda do grego, têm para a noção o seu próprio substantivo, *stesk*, e o seu próprio verbo. A mais comovente expressão de amor checa: *styska se mi po tobe*: tenho nostalgia de ti; não posso suportar a dor da tua ausência. Em espanhol, *anoranza* vem do verbo *anorar* (ter nostalgia), que vem do catalão *enyorar*, derivado, por seu turno, da palavra latina *ignorare* (ignorar). A esta luz etimológica, a nostalgia aparece como o sofrimento da ignorância. Tu estás longe, e eu não sei o que te acontece. O meu país está longe, e não sei o que lá se passa. Certas línguas têm algumas dificuldades com a nostalgia: os franceses só podem exprimi-la por meio do substantivo de origem grega (*nostalgie*) e não têm verbo para ela; podem dizer *je m'ennuie de toi*, mas o verbo *s'ennuyer* é fraco, frio e seja como for demasiado ligeiro para um sentimento tão grave. Os alemães raramente utilizam a palavra *nostalgia* na sua forma grega e preferem dizer *Sehnsucht*: desejo do que está ausente; mas *Sehnsucht* pode visar de igual modo tanto o que foi como o que nunca foi (uma nova aventura) e por isso não implica necessariamente a ideia de um *nostos*.

Nesta sua divagação, Kundera aborda um dos grandes dilemas do tradutor, em particular do tradutor literário: a impossibilidade de, por vezes, encontrar a palavra que, noutra língua, corresponda, de facto, à noção que a língua original exprime.

E, não existindo essa palavra numa determinada língua de destino, será que os falantes desta última podem apreender realmente o sentido da noção original?

É uma reflexão com que hoje quero deixar todos os que, tal como eu, partilham a magia das palavras, e talvez, também, a nostalgia de um tempo muito, muito distante, em que ao tradutor era concedido o tempo necessário para traduzir...

Dwelling on the word “nostalgia”, Milan Kundera, in his book *Ignorance* (D. Quixote, 2011, translated by Miguel Serras Pereira), takes us on a journey in which etymology and semantics intertwine to give us the notion of how, in different European languages, the same sentiment can take on expressions that, truth be told, are not perfect matches. Let us quote Kundera:

In Greek, *nostos* means return. *Algos* means suffering. Nostalgia is therefore suffering caused by the unsatisfied desire to return. To express this fundamental notion, most Europeans can use the word of Greek origin (nostalgia) and beyond that have other words in their own national language: *anoranza*, the Spanish say; *saudade*, is the Portuguese expression. In each language these words have a different semantic connotation. Often they express only the sadness caused by the impossibility of returning to one's country. A painful memory of missing the country, the place, what the English call *homesickness*. Or *Heimweh* in German. *Heimwee* in Dutch. But this is a spatial reduction of a broader notion. One of the oldest European languages, Icelandic, draws a clear distinction between the two ideas: *söknudur*: nostalgia in its general sense; and *heimfria*: painful longing for one's country. The Czechs, as well as the word *nostalgie* deriving from Greek, have their own noun for the notion, *stesk*, and their own verb. The most moving expression of love in Czech is: *styska se mi po tobe*: I feel nostalgia for you; I cannot bear the pain of your absence. In Spanish, *anoranza* comes from the verb *anorar* (to feel nostalgia), which comes from the Catalan word *enyorar*, derived in turn from the Latin word *ignorare* (ignore). In this etymologic light, nostalgia appears to be the suffering of ignorance. You are far away and I don't know what is happening to you. My country is far away, and I don't know what is happening there. Some languages find it somewhat difficult to grapple with nostalgia: the French can only express it through the noun of Greek origin (*nostalgie*) and have no verb for it; they can say *je m'ennuie de toi*, but the verb *s'ennuyer* is weak, cold and is too light for such a weighty sentiment. The Germans rarely use the word *nostalgia* in its Greek form and prefer to say *Sehnsucht*: a desire for what is absent; but *Sehnsucht* can be used equally for something that is no longer here or something that never existed (a new adventure) and as such it does not necessarily imply the idea of *nostos*.

In this pondering, Kundera tackles one of the translator's great dilemmas, in particular for literary translators: the fact that it is sometimes impossible to find the word that matches the notion the original language expresses.

And, given that this word does not exist in a given target language, can the speakers of this language truly grasp the meaning of the original notion?

This is the reflection I would like to leave today for all those, who like me, share the magic of words, and perhaps also the nostalgia of a long gone time, when the translator was afforded the time needed to translate... ■



Almeida



* Luís de Camões (1524-1580)

Há precisamente um ano falamos aqui de Sortelha, uma das Aldeias Históricas de Portugal. Hoje é a vez de Almeida que fica a menos de uma hora de distância.

A sua imponente fortaleza, em estrela de doze pontas, que se eleva no horizonte, elevou-lhe a fama e o reconhecimento. Não é demais sublinhar que é um dos mais extraordinários exemplares de arquitetura militar europeia.

Mas nem só de história e pedras vive Almeida. Calcorrear as suas ruas e conversar com quem nos cruzamos, pode ser uma experiência única. Há sempre uma história, um episódio, um relato. Ou não estivéssemos nós junto à fronteira, onde o contrabando foi a graça e a desgraça de muitos dos raianos.

A Vila de Almeida, vizinha de Espanha, foi palco de intensas batalhas aquando da invasão francesa de 1810. Hoje é palco da recriação histórica daquele que ficou conhecido como o Cerco de Almeida.

Anualmente, no último fim de semana de agosto, ocorre esta fantástica manifestação cultural que é considerada a maior reconstituição histórica feita em Portugal. Centenas de figurantes, (portugueses, espanhóis e franceses) e milhares de visitantes dão cor, movimento e alegria a

uma pacata e acolhedora vila com cerca de 1.500 habitantes.

Durante três dias, manifestações culturais diversas ocorrem por todo o lado: mercados, danças, reconstituições, seminários internacionais, música, teatro, ópera; um sem número de atividades para miúdos e graúdos aprenderem, brincando.

Uma pequena amostra pode ser vista aqui:

<http://bit.ly/mag51-Almeida>, mas ver é uma coisa... viver é outra!



Exactly one year ago we spoke about Sortelha, one of Portugal's historical villages. Today we turn our attention to Almeida, which is around one hour away.

The imposing 12-pointed star-shaped fortress that emerges on the skyline has added to Almeida's fame and recognition. It is no exaggeration to say that it is one of the most extraordinary examples of European military architecture.

But there is far more to Almeida than merely history and stone. Strolling along its streets and

chatting to passers-by is an experience in itself. There is always a story, an episode, an incident to relate. It is to be expected in a border town, where smuggling was rife and accounted for the downfall of many of Almeida residents.

In 1810, Almeida, on the border with Spain, was the stage of fierce battles during the French invasion. Today it is the stage of the historical recreation of what became known as the Cerco de Almeida (Almeida Siege).

Every year, in the last weekend of August, a fantastic cultural event takes place which is considered the largest historical re-enactment in Portugal. Hundreds of costumed characters and thousands of onlookers bring colour, buzz and joy to a tranquil community of around 1,500 inhabitants.

For three days a range of cultural events are held all over the village: markets, dances, re-enactments, seminars, music, theatre; an endless number of activities for children and adults to learn through play.

For a flavour of what the festival is all about, check out the video via the link below:

<https://bit.ly/mag51-Almeida>

Em português In Portuguese

Carlos Castilho Pais

[professor universitário :: university professor]



Em finais de agosto (30/08/2014), pude ler nas páginas do jornal EXPRESSO um curto artigo do Professor António Vaz Carneiro sobre “O uso de anglicismos na linguagem científica”. Este artigo constitui uma resposta a um artigo do Professor Gentil Martins, que defendera um maior respeito pela língua portuguesa, insurgindo-se contra a utilização generalizada de anglicismos na linguagem biomédica, nas páginas do mesmo jornal na semana anterior.

Tal qual pude perceber, as posições destes professores não são, de modo algum, extremadas. Também o Professor António Vaz Carneiro se diz defensor da língua portuguesa nas publicações científicas. No entanto, e é essa a razão de ser do seu artigo, é sua convicção «de que, em circunstâncias especiais e cuidadosamente selecionadas, a utilização de anglicismos na linguagem científica é necessária».

Seria necessário definir com clareza em que consistem essas ‘circunstâncias especiais’. Não se trata, por certo, de qualquer ato da comunicação científica internacional, pois, aí, tudo ou quase tudo se processa em inglês. O problema existe quando o ato comunicativo se processa a nível nacional, para falantes da língua portuguesa. De resto, como se sabe, só quando o ato comunicativo se processa em língua portuguesa é que se pode falar com propriedade de anglicismo, se, por acaso, nele existir a expressão inglesa. É neste contexto que devem ler-se as observações seguintes.

Olhemos para o princípio de tudo isto. Os conceitos científicos são universais e a investigação científica que os nomeia e divulga usa o inglês. Segundo o Professor António Vaz Carneiro, «os médicos e outros profissionais de saúde estão constantemente a ler em inglês». Por isso, continua o Professor, «parece razoável aceitar alguns anglicismos». As premissas são incontestáveis; já a conclusão o é menos, se for assumida a ‘defesa da língua portuguesa’, em vez da ‘pureza linguística’ (inglesa) em que se expressa o conceito científico. Podem os profissionais da saúde receber o conceito em língua inglesa, podem, até, entre eles, discutir o conceito, que é uma boa forma de apreensão e de aprofundamento; mas, em público, têm o dever de o colocar na língua portuguesa, exigindo-se, também aí, idêntica pureza linguística, que poderia e deveria ser objeto de discussão prévia entre eles. Será pedir muito? Será isto exigir muito? Mas a ‘defesa da língua portuguesa’ obriga-nos a essa exigência. O facilitismo não pode aceitar-se como causa da proliferação do anglicismo.

Muito haveria a dizer sobre o significado da proliferação do anglicismo hoje em dia. O português é uma língua pobre, perde no confronto com outras, é uma língua passadista; mas não é isso o que a sua história no diz. E a prova é que está viva.

Mas, voltando ao assunto, quero referir o papel que os profissionais da saúde podem desempenhar na tradução dos conceitos científicos. Qualquer tradutor saberá bater à porta de qualquer Faculdade de Medicina para esclarecer qualquer dúvida ou qualquer problema de tradução. A Faculdade saberá encaminhá-lo para o professor especialista da matéria na qual se enquadra a sua dúvida ou o seu problema. O tradutor tem essa obrigação, pois também ele deve traduzir para ‘um bom português’. Perante o seu problema, esgotados outros meios de pesquisa, se o tradutor não efetuar o ‘encontro’ com o especialista na matéria, poderemos falar de negligência. Do diálogo do tradutor com o professor especialista resultará seguramente uma melhor tradução, uma tradução em português.

É verdade que o mundo dá as suas voltas. Certos anglicismos podem impor-se na língua portuguesa, como aconteceu no passado. Mas que isso não aconteça por negligência nossa, por maltratarmos a nossa língua!

At the end of August (30/08/2014) a short article by Professor António Vaz Carneiro was published in the EXPRESSO newspaper on the topic “The use of Anglicisms in scientific language”. The article was a response to an article by Professor Gentil Martins, who had argued for greater respect for the Portuguese language, protesting against the widespread use of Anglicisms in biomedical jargon, in the pages of the same newspaper the previous week.

As far as one could understand, the positions of these professors were by no means extreme. Professor António Vaz Carneiro said he is also a defender of the Portuguese language in scientific publications. Meanwhile, and this is reason behind his article, he is convinced that “in special and carefully selected circumstances, the use of Anglicisms in scientific language is necessary”.

These ‘special circumstances’ must be clearly defined. He is certainly not referring to any act of international scientific communication, given that these always take place in English. The problem is when the communication takes place at national level, for speakers of the Portuguese language. Indeed, it only makes sense talking about Anglicisms when the communication is in Portuguese, and the word exists in English. It is in these circumstances that the following observations apply.

We will look at the start of all of this. Scientific concepts are universal and the scientific research that names them and discloses them is in English. According to Professor António Vaz Carneiro, “doctors and other health professionals are constantly reading in English”. That is why, continues the Professor, “it seems reasonable to accept some Anglicisms”. The premises cannot be argued with; but the conclusion can, if one argues for the ‘defence of the Portuguese language’, instead of the ‘linguistic purity’ (English) in which the scientific concept is expressed. Health professionals can receive the concept in the English language, they can even discuss the concept among one another, which is a good way of apprehending and deepening their knowledge about it; but in public they have the duty to put it into Portuguese, demanding an identical linguistic purity there, which could and should be the subject of prior discussion among them. Is this asking too much? Is this demanding too much? The ‘defence of the Portuguese language’ forces us to make this demand. Taking the easy route is an unacceptable reason behind the proliferation of Anglicism.

There is much to say about what the proliferation of Anglicism means today. Portuguese is a weak language; it loses out in opposition against others, it is an outmoded language; but this is not what its history says. And the proof is alive and kicking.

But, getting back to the subject, I want to refer to the role health professionals can play in the translation of scientific concepts. Any translator can knock on the door of a Medical School to clarify any doubt or any translation problem. The school will duly direct the translator to the specialised professor in the matter. The translator has this obligation, because he too has to translate into ‘good Portuguese’. Faced with this problem, having exhausted other avenues of research, if the translator does not arrange a ‘meeting’ with the specialist in the matter, we can talk about negligence. The talk between the translator and the specialist will certainly result in a better translation, a translation in Portuguese.

It’s true that the world continues to rotate. Certain Anglicisms may impose themselves on the Portuguese language, as has happened in the past. But this cannot happen because of negligence, because we treat our language shabbily! ■



Gosta de flores?

Are you a flower fan?



Aos leitores que quiseram saber o nome das flores que publicámos no Magazine anterior, nesta secção, cá estamos hoje a dar resposta: **perpétua**, é o nome popular da *Gomphrena globosa*, uma amarantácea da Índia que se adaptou ao frio europeu.

De pé alto e inflorescências redondas, as suas cores podem variar entre o branco, lilás, rosa, roxo e vermelho, sendo o roxo a sua cor original. Plantada anualmente, floresce na primavera e mantém-se até ao fim do outono, formando canteiros alegres e muito coloridos.

A flor pequena e delicada não murcha, mantendo a cor original depois de seca, pelo que é profusamente utilizada em arranjos florais e *pots-pourris*.

Daí o seu nome, perpétua, que simboliza também a nossa saudade daqueles que partiram para sempre.



To the readers who wanted to know the name of the flowers we published in the previous Magazine edition, we give you the response in today's flower section: **Globe Amaranth**, is the common name given to *Gomphrena globosa*, an amaranth from India that adapted to the cold European climate.

A tall plant with round flowers, its colours can vary between white, lilac, pink, magenta and red, magenta being its original colour. Planted annually, it flowers in spring and remains in bloom until the end of autumn, forming cheerful and colourful flowerbeds.

The small and delicate flower does not wither, retaining its original colour after drying, which makes it widely used in floral wreaths and potpourris.

This property lends it its name in Portuguese, *perpétua* (perpetual), which also symbolises our longing for those who have left us forever. ■

PerpétuaGlobe Amaranth



<http://www.facebook.com/xoqomala>

Passatempo For FUN

Uma arquitetura ímpar nascida da pedra. Sabe o que é e em que cidade se encontra?



An unparalleled piece of architecture sculpted out of stone. Do you know what it is and in what city you can find it? ■



Edição anterior Last Issue

Não era difícil, mas requeria muita atenção e memória fotográfica. A resposta: Leiras.



It was not difficult, but required careful attention and a photographic memory. The answer: Leiras. ■



Carta à luz das velas A letter by candlelight



Dom Biralbo da Porta do Olival

Queridos papá e maninho,

Há já algum tempo que não vos escrevo. Há quase um ano, de facto. E só agora reparo que me esqueço quase sempre de falar com o meu maninho mais velho. É bom ter sempre um irmão mais velho, nem que seja por empréstimo e que tenha um quarto do nosso tamanho, como acontece comigo e com o Jack. Não deve haver muitas coisas mais tristes que ter de brincar sozinho. Por outro lado, ele não ajuda nada nestes dias complicados de trovoadas e chuva torrencial. Só ladra, ladra e ladra aos relâmpagos, como se fosse uma celebridade a reclamar com os jornalistas e os disparos das câmaras fotográficas, e isso deixa-me ansiosa.

Nesses dias, o que me aparenta ser a ideia mais reconfortante do mundo é estar com o meu papá, ou, como não é possível, visto que estás aí tão longe, com os meus donos. Como eles sabem que ficamos nervosos com tanta luz e barulho, deixam-nos ficar deitados nos sofás, juntinhos a eles, e ainda nos fazem festinhas no peito, para adormecermos. Acho que não se pode pedir mais nada, quando lá fora o mundo parece desabar...

Por falar nisso, vou aproveitar para ir ali aninhar-me enquanto eles leem e partilham a luz trémula de uma vela (não é para ser poético, a electricidade é que foi mesmo abaixo; afinal, a tecnologia humana não é inabalável) que ilumina tenuemente o final deste verão desconsolado.

Lambidelas carinhosas da,

Anita.



Dear dad and little brother,

I haven't written to you for some time. For almost a year, in fact. And only now has it occurred to me that I almost always forget to talk about my older brother. It's always good to have an older brother, even if only a borrowed one who is a fourth of our size, as happens with me and Jack. There can't be many things sadder than having to play alone. On the other hand, he doesn't help at all on these scary days of thunder and torrential rain. He barks non-stop at the lightning, like a celebrity complaining about journalists and the camera flashes, which grates on my nerves.

On days like these, the most comforting idea in the world that enters my head is being with my father, or, as it isn't possible because you are so far away, being with my masters. They know the lightning and thunder make us nervous, so they let us lie on the sofa next to them, and even stroke our bellies to lull us to sleep. I don't think one could ask for more, when out there the world seems to be crashing down...

So right now I'm going to curl up while they read and share the dim candlelight (it's not a question of being poetic, there is a power cut; human technology is not infallible after all) that timidly illuminates the end of this disconsolate summer.

Loving licks from,

Anita. ■

An Englishman in Lisbon Um inglês em Lisboa

Thomas Kundert



Brazil Brasil

“He who speaks two languages is worth two men.”

The phrase is attributed to Charles V of Spain in the 16th century but was felt in its full force by Tom Kundert of Lisbon in the 21st century, as he acted as interpreter for a party of six English football enthusiasts traipsing around northeast Brazil.

Of all the wonderful gifts Portugal has given this Englishman residing in the Portuguese capital, the ability to communicate in the language of Camões is among the most precious. Not only does it enable me to earn my keep, but it has opened the door to a universe of 220 million people with whom I can now converse in their native tongue.

The vast majority live in Brazil, which I set foot on for the first time in June on the occasion of the 2014 World Cup. The stereotype is one of cheerful Brazilians broadly smiling, openly conversing and generally enjoying life. And from a 3-week sample, I can attest to Brazilians... broadly smiling, openly conversing and generally enjoying life!

I pondered on whether the fact the country was the focus of worldwide attention this summer made the locals more welcoming than they would normally be, but their easy manner and anxiety to spread cheer flowed so naturally I am willing to believe it is truly part of the Brazilian psyche.

Even when explaining some of the country's problems, a quip to round off a thought was always at the ready to prevent any weighty subject matter from bringing down a pleasing ambience.

And my final exchange with a Brazilian, as we waited for our plane back from Recife to Lisbon, the day after the host country's football team had suffered a humiliating defeat to Germany, exemplifies this ability to turn a less-than-ideal situation into a moment of mirth.

Asked about my impressions of his country, I had mentioned the noticeable difference in the sheer scale of things compared to Portugal. The city of Recife, the factories, the very trees and plants were all enormous when set beside Lisbon in my mind's eye. “Yes, everything here is bigger,” came the swift reply. “Just look, you lost 4-0 to Germany but we achieved something much bigger; we lost 7-1!”

“Uma pessoa que domina duas línguas vale por duas.”

A máxima é atribuída ao imperador Carlos V (ou Carlos I de Espanha), no século XVI, mas foi demonstrada em toda a sua plenitude por Tom Kundert de Lisboa, no século XXI, o qual serviu de intérprete para seis ingleses, fanáticos do futebol, no seu périplo pelo nordeste brasileiro.

De todas as maravilhosas dádivas que o país legou a este inglês residente na capital de Portugal, a capacidade de comunicar na língua de Camões encontra-se entre as mais preciosas. Além de me permitir ganhar o sustento, abriu-me a porta para um universo de 220 milhões de pessoas com as quais posso conversar, na sua língua materna.

Dessas, a grande maioria vive no Brasil, terra que pisei pela primeira vez em junho, por ocasião do Campeonato do Mundo de Futebol de 2014. O estereótipo apresenta-nos os brasileiros como um povo contente, sempre sorridente e conversador relaxado, que aproveita para gozar a vida. Desta experiência de três semanas, posso confirmar que os brasileiros... sorriem sempre, conversam relaxadamente e aproveitam para gozar a vida!

Ainda ponderei que, por serem o alvo da atenção de todo o mundo durante este verão, os brasileiros pudessem ter redobrado esforços para transparecer essa imagem acolhedora, mas a naturalidade dos gestos e dos afectos era tão grande que acredito realmente que tudo isto faça já parte dos genes do povo brasileiro.

Até quando nos explicavam alguns dos problemas que o país enfrenta, a conversa terminava sempre com uma piada para dar leveza à prosa e não afectar o ambiente com o peso da realidade descrita.

Para exemplificar esta capacidade de dar a volta ao texto com um pouco de humor, nada como relembrar o meu último diálogo com um brasileiro, decorrido enquanto esperávamos pelo embarque no voo de regresso de Recife para Lisboa, exactamente no dia seguinte à equipa anfitriã do torneio ter sido humilhada pela congénere alemã.

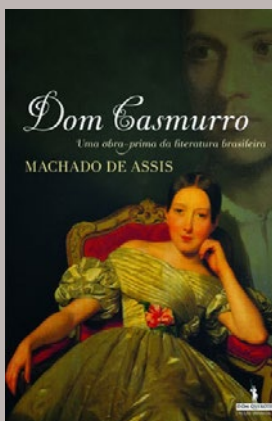
Tendo-me ele perguntado qual a minha opinião sobre o país, respondi-lhe que o mais notável era a diferença na escala das coisas, em comparação com Portugal. A cidade de Recife, as fábricas, as próprias árvores e plantas, tudo isso era enorme, quando comparado com a imagem que tenho de Lisboa. “Sim, tudo aqui é maior,” confirmou ele, desembaraçado. “Repare, vocês perderam de 4-0 para a Alemanha, mas nós conseguimos algo muito maior, perdemos de 7-1!” ■

Machado de Assis

DOM CASMURRO

Por vezes, sinto que faz falta uma entidade reguladora do aforismo que impeça a propagação de máximas contraditórias. É que fica tudo muito complicado quando não sabemos se é deus ou o diabo, quem está nos detalhes; ou se sempre é bendita, a ignorância, e maldito, o conhecimento, ou vice-versa. A meu ver, e apesar das máximas socráticas e cartesianas, certo mesmo é que a dúvida é um tormento...

Tome-se como exemplo *Dom Casmurro*, obra-prima de Machado de Assis, da literatura brasileira e, por extensão, da literatura em português. Um português suave, mais bamboleante e açucarado, com um ritmo próprio, e que ombréia perfeitamente com as melhores safras da literatura realista que se escreveu deste lado do Atlântico.



Que é a casmurrice de Bento Santiago que não o fruto da dúvida que ele próprio semeou e regou: Capitu traiu-o, deusas? Que ele esteja convencido, de nada importa - a obra, mesmo quando aparentemente fechada, permanece aberta à leitura individual. O que para o ex-seminarista parece evidente, pode, para o leitor (sempre “contaminado” pelas suas próprias convicções), ser na verdade o espetáculo delirante de um Otelo que se autocontamina, como se tivesse igualmente um Iago dentro de si.

Atente-se no que afirmou Lygia Fagundes Telles, argumentista do filme *Capitu*: “Eu já não sei mais. Minha última versão é essa, não sei. Acho que enfim suspendi o juízo. No começo, ela era uma santa; na segunda, um monstro. Agora, na velhice, eu não sei. Acho *Dom Casmurro* mais importante que *Madame Bovary*. Nele há a dúvida, enquanto a *Bovary* tem escrito na testa que é adúltera.”

Nota: triste forma de xingar Flaubert...

Sometimes I feel that an aphorism regulatory entity should exist to prevent the propagation of contradictory maxims. The problem is everything becomes much more complicated when we do not know if it is God or the devil who is in the detail; or if ignorance is always bliss, if knowledge is always power, or vice-versa. In my view, for all the Socratic and Cartesian maxims, one certainty is that doubt is a torment...

Take for example *Dom Casmurro*, the masterpiece of Brazilian literature by Machado de Assis, and therefore a literary masterpiece of the Portuguese language. A soft Portuguese, but ambling and sugar-laden, with its own rhythm, which sits perfectly alongside the greatest examples of realist literature written on this side of the Atlantic.

What is the hard-headedness of Bento Santiago other than the fruit of doubt that he himself sowed and fostered: did Capitu really betray him? The fact he is convinced so means nothing – the book, even when apparently closed, remains open to the individual’s interpretation. What for the former seminarian seems evident, may for the reader (always “contaminated” by his own convictions) be in fact the delirious spectacle of an Othello who contaminates himself, as if he also had a Iago inside him.

Lygia Fagundes Telles, the screenwriter of the film *Capitu* stated: “I no longer know. That is my final say on the matter, I don’t know. I think that in the end I suspended the trial. At the start she was a saint; then she was a monster. Now, in my old age, I don’t know. I think *Dom Casmurro* is more important than *Madame Bovary*. There remains doubt in it, while *Bovary* has the fact she is an adulterer written on her forehead.”

Note: sad way to curse Flaubert...

Primeiro Poema do Outono

Mais uma vez é preciso
reaprender o outono –
todos nós regressamos ao teu
inesgotável rosto
Emergem do asfalto aquelas
inacreditáveis crianças
e tudo incorrigivelmente principia
Já na rua se não cruzam
olhos como armas
Recebe-nos de novo o coração

E sabe deus a minha humana mão

First Autumn Poem

Again it is necessary
to relearn autumn –
we all return to your
inexhaustible face
From the asphalt emerge those
unbelievable children
and everything irredeemably starts
Now outdoor eyes no longer
cross like weapons
We are received with new heart
And God knows my human hand

RUY BELO *

* A OBRA DE RUY BELO (1933-1978), LICENCIADO EM FILOLOGIA ROMÂNICA E DOUTORADO EM DIREITO CANÔNICO, FOI UMA BUSCA PELO PONTO DE EQUILÍBRIO ENTRE SOLUÇÕES DÍSPARES – BEBEU DO NEORREALISMO E DO SURREALISMO, SEM CEDER A NENHUM DOS SEUS EXCESSOS OU DOGMAS ESTÉTICOS; FOI INFLUENCIADO PELA FORMAÇÃO CATÓLICA BEM COMO PELA TEORIA EXISTENCIALISTA – SEMPRE COM O FIM ÚLTIMO DE LUTAR POR UM HOMEM MELHOR.

THE WORK OF RUY BELO (1933-1978), A GRADUATE IN ROMANESQUE PHILOLOGY AND PhD IN CANON LAW, WAS A QUEST FOR THE BALANCING POINT BETWEEN SEVERAL DISPARATE SOLUTIONS – HE DRANK FROM NEO-REALISM AND SURREALISM, WITHOUT YIELDING TO EITHER OF THEIR EXCESSES OR AESTHETIC DOGMAS; HE WAS INFLUENCED BY CATHOLIC TRAINING AS WELL AS EXISTENTIALIST THEORY – ALWAYS FIGHTING FOR THE FINAL GOAL OF A BETTER MANKIND.



“Tudo evolui; não há realidades eternas...”

“Everything has evolved; there are no eternal facts...”



Artur Semedo

A evolução é um fenómeno fascinante. Para quem aprecia explicar de modo racional (perdoe-se-me o pleonasm) aquilo sobre que medita, este é um conceito que surge como tão evidente que até surpreende que tenhamos esperado tantos séculos para o dispor, e mais algum tempo ainda para o aceitar. Porém, vezes há em que a realidade parece vir contrariar todas essas bases lógicas em que assentamos a teoria.

Retomo uma ideia deixada na edição anterior: *o mundo é feito para a larga maioria de destros*. Tanto assim que, conforme já se provou, os canhotos são muito mais propensos a acidentes, particularmente em contextos de trabalho (e que isto sirva de aviso ao meu colega Ricardo Fernandes, da Tradumática). Do mesmo modo, *o habitat de criação humana* por excelência, a cidade, funciona em larga escala devido às capacidades de descodificação visual de cada um, como seja o entendimento dos significados atribuídos a certas cores, em que o exemplo do semáforo é o mais óbvio - o vermelho é igual a perigo, o verde, a segurança. E, no entanto, continua a haver daltónicos.

Como explicar esta aparente contradição, em que grupos minoritários, que se poderia julgar menos aptos para a sobrevivência, subsistem e, sobretudo no caso dos canhotos, acabam por ser comparativamente mais bem sucedidos que a maioria?

Tudo passa pela dicotomia presente na organização das sociedades humanas: cooperação versus competição. Apesar de ser tendencialmente gregário, o ser humano não deixa, por isso, de ser competitivo, seja coletiva ou individualmente, isto é, entre fações rivais, ou dentro do mesmo grupo. A nossa história, a nossa evolução particular, é uma sequência de choques e concertações entre competidores em busca dos melhores recursos, e, em última análise, de garantir a subsistência (como quaisquer outros seres vivos, no fundo).

Tal como já havia também escrito no artigo prévio: *os canhotos tiveram de desenvolver qualidades criativas superiores*, e por isso é que se conseguiram adaptar e, em muitos casos, sobrepor aos restantes. Do mesmo modo, os daltónicos perdem na capacidade de distinguir cores o que ganham em visão noturna. Pense-se na utilidade dessa aptidão durante os milénios em que não houve iluminação artificial.

Resumindo, a lógica da evolução não é tão simples que exclua tudo o que não seja traçado a linha reta. Há sempre lugar para a exceção, se ela trouxer qualquer coisa de positivo. Diria até que, no presente mundo em que vivemos, o que mais supriria as nossas carências seria aclarar espaço para quem não vê somente cores e desconfia dos direitos exclusivos da mão direita...

Evolution is a fascinating phenomenon. For those who like to explain what they ponder over in a rational way (forgive the pleonasm), this is a concept that is so obvious it is surprising we had to wait so many centuries to hear it, and even more time to accept it. However, at times the facts seem to go against all the logical reasoning on which we base the theory.

I bring up a topic raised in the previous edition again: *the world is made for the vast majority of right-handed people*. So much so that, as has been proved, left-handed people are much more liable to have accident, especially work accidents (and may this serve as an example to my colleague Ricardo Fernandes, who pens the Tradumática column). Likewise, the *preferred habitat that humans have created to live in*, the city, functions to a large extent because of the ability of its residents to visually decode it, such as the understanding attributed to certain colours, in which traffic lights are the most obvious example – red equals danger, green equals safety. And yet, there are still colour-blind people.

How can you explain this apparent contradiction, in which minority groups, who are deemed to be less equipped to survive, remain unmoved, and even, especially in the case of left-handed people, end up comparatively more successful than the majority?

○ It is all a question of dichotomy in the organisational of human societies: cooperation versus competition. Despite being on the whole gregarious, this does not prevent the human being from being competitive, both collectively and individually, either among rival factions, or within the same group. Our history, our particular evolution, is a sequence of shocks and conciliations between competitors in search of the best resources, and in the ultimate analysis, guaranteeing survival (like any other living beings, at the end of the day).

As was also written in the previous article: *left-handed people had to develop superior creative qualities*, and as such they managed to adapt, and in many cases outperform the rest. Likewise, what colour-blind people lose in the capacity to distinguish colours, they gain in their ability to see at night. Think about the usefulness of this adaptation over the millenniums when there was no artificial light.

To sum up, the logic of evolution is not so simple as to exclude everything that does not follow a straight line. There is always room for exceptions, if it brings something positive. I would say that in the world we live in today, what would do most to make up for our shortfalls would be to make room for those who do not see only colours and to mistrust the exclusive rights of the right hand... ■

É tão fácil Procurar e Substituir texto

“Search and Replace” text made easy!



Ricardo Fernandes

Hoje em dia, procurar e substituir texto num documento é já uma operação acessível ao utilizador mais comum, estando qualquer editor de texto habilitado para o fazer. Contudo, a situação revela-se menos simples quando é necessário realizar as mesmas alterações em vários ficheiros, forçando-nos habitualmente a repetir a operação em cada um deles. Foram já várias as vezes em que me solicitaram ajuda para casos semelhantes, sendo que, em todos eles, se gastou uma grande quantidade de tempo no repetitivo processo de abrir, procurar, substituir e gravar ficheiro a ficheiro.

Como eu sou amigo da economia de tempo, e também vosso amigo, apresento-vos a *Multiple Search and Replace*, uma ferramenta versátil, capaz de efetuar operações de pesquisa e substituição em vários ficheiros, em simultâneo. Porém, onde aplicação mostra o seu maior potencial é na funcionalidade que permite operar em vários tipos de ficheiros diferentes, como sejam PDF, Word, Excel, PowerPoint, entre outros.

Para tirar todo o partido da aplicação é necessária alguma habituação e um esforço inicial para entender como funcionam todos os campos personalizáveis da pesquisa a efetuar. Depois de bem dominados, esta torna-se uma ferramenta indispensável.

Em alternativa, e caso se depare com uma situação em que tem de manipular vários ficheiros de texto simples, sugiro a utilização da ferramenta *Notepad++*. Esta ferramenta tem a vantagem de poder realizar pesquisa e substituição passo a passo, o que permite salvaguardar alguns casos em que as alterações possam fazer menos sentido. Além disso, existem várias situações em que o *Notepad++* se pode revelar uma preciosa ajuda, graças ao seu *Spell Check*, à classificação visual de *Tags* em vários tipos de ficheiros, e outras funções. Certamente, estaremos mais otimistas da próxima vez que for necessário substituir um qualquer termo em 1001 ficheiros diferentes.

Nowadays, finding and replacing text in a document is an operation accessible to the most common user, with any word processor able to do it. However, the situation is less simple when you have to make the same changes in several files, forcing us to repeat the operation in each one of them. I have been asked for help in such situations several times now, when in all cases a huge amount of time was lost in repeating the process of opening, searching and replacing the term and then saving, file by file.

As I am a fan of saving time, and also your friend, I present you with *Multiple Search and Replace*, a versatile tool able to carry out search and replace operations in several files simultaneously. However, where the application really comes to the fore showing its full potential is in the functionality that allows the operation to be carried out in several different file types, such as PDF, Word, Excel, PowerPoint, among others.

To take full advantage of the application one has to spend some time learning how to use all the customisable search fields. After mastering this aspect, the tool becomes indispensable.

Alternatively, and in a situation where you have to manipulate several files of simple text, I suggest using the *Notepad++* tool. This tool has the advantage of carrying out the search and replace operation step by step, which safeguards against certain cases when the changes may not make sense. Furthermore, there are several situations in which *Notepad++* can be a precious help, such as in your *Spell Check*, the visual *Tag* classification in various file types, and other functions.

So the next time we have to replace a term in 1001 different files, we will certainly face up to the task more optimistically. ■



Download

Multiple Search and Replace:

<http://www.4dots-software.com/multiple-search-replace/>

Notepad++

<http://notepad-plus-plus.org/download/v6.6.9.html>

ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

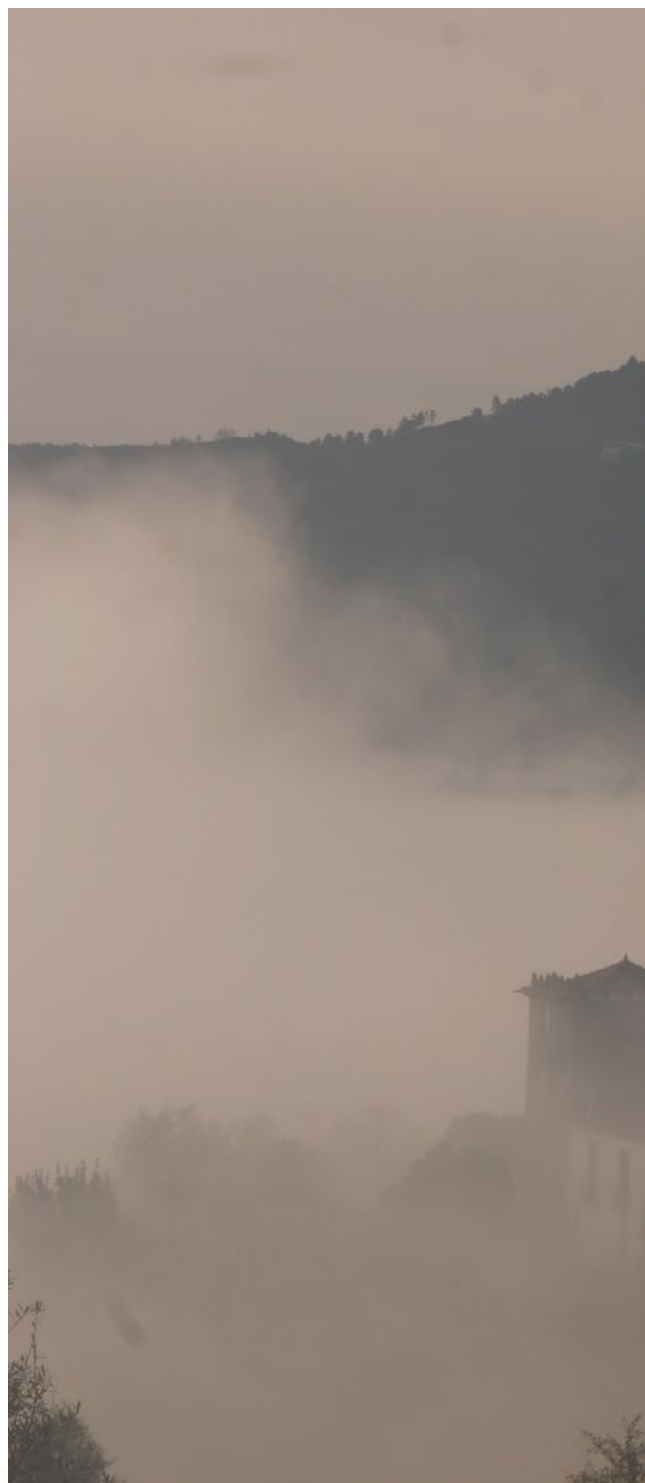
Este espaço é dedicado ao nosso sócio fundador Sílvio Oliveira e àquela que foi uma das suas paixões favoritas: a fotografia.

Do imenso álbum que nos deixou, continuaremos a seleccionar momentos de vida que queremos continuar a partilhar com os nossos leitores.



This section intends to pay homage to **philos'** founding partner Sílvio Oliveira and one of the great passions of his life, which was photography. From the marvellous photo album he left us, we will continue to bring you lifetime moments we would like to share with our readers. ■

PHOTO ALBUM















The end of everything

“Após um grande período de ausência, Tracy Vandal, a voz à frente dos Tiguana Bibles, apresenta o seu primeiro disco em nome próprio, o EP – The End Of Everything. Boz Boorer – guitarrista, compositor e director musical da banda de Morrissey e ex- membro dos Polecats, acompanha-a em quase todas as músicas. João Rui, dos A Jigsaw, fez os arranjos de algumas das músicas construídas sobre emoções repletas de um triste vazio e realçando esse lado negro do disco. Escritas num frio e melancólico novembro em Coimbra, resultado de um isolamento forçado em casa e de um confronto com a ausência emocional que nos inunda quando a vida parece desaparecer... A primeira música é um rearranjo de uma das últimas músicas dos Tiguana Bibles, uma das favoritas da artista, e que faz a introdução para uma viagem de inseguranças, amor perdido e da inevitabilidade da auto-destruição e morte. Isto é só o início, apesar de ser o fim de tudo.”

“After a long hiatus, Tracy Vandal, the voice of Tiguana Bibles, presents her first homonymous album, The End of Everything ep. Boz Boorer, guitarist, composer and musical director from Morrissey’s band and ex member of The Polecats, accompanies Vandal in almost every song. João Rui, from A Jigsaw, made the arrangements of some of the songs built on emotion and full of a sad emptiness, highlighting the dark side of this work. Written in a cold and melancholic November in Coimbra, as a consequence of a forced rest at home and also deriving from the conflict with the emotional emptiness we all have to face when life seems to fade away. The first song is a reworking of one of the last Tiguana Bibles songs, one of the artist’s favourites, introducing a trip of uncertainty, love lost and the inevitability of self-destruction and death. And, in spite of being the end of everything, this is just the beginning.”



A Voz da Lua • The voice of the moon

Os Maias

Entre Afonso da Maia e o seu neto Carlos, constrói-se o último laço forte da velha família Maia. Formado em medicina na Universidade de Coimbra e posteriormente educado numa longa viagem pela Europa, Carlos da Maia regressa a Lisboa no Outono de 1875, para grande alegria do avô. Nos catorze meses seguintes, nasce, cresce e morre a comédia e a tragédia de Carlos como a tragédia e a comédia de Portugal. A vida ociosa do médico aristocrata, invariavelmente acompanhado pelo seu par amigo, o génio da escrita e de obras “inacabadas”, o manipulador João da Ega, leva-o a ter amigos, a ter amantes e ao *dolce fare niente*, cheio de convicções. Até que se apaixona de verdade por uma mulher tão bela como uma madona e tão cheia de mistérios, como as heroínas da estética naturalista. Um personagem novo num romance esteticamente revolucionário. A vertigem: paixão louca para lá dos negrimes do passado, um novo e mais negro precipício, o incesto. Mesmo sabendo que Maria Eduarda é a irmã a paixão de Carlos não morre e vai ao limite. E depois termina abruptamente porque o velho Afonso da Maia morre para expiar o pecado terrível do seu neto, neto que era a razão da sua existência. E então em vez da morte do herói, nova invenção de Eça. Carlos e Ega partem para uma longa viagem de ócio e de pequenos prazeres. Dez anos depois, voltam a encontrar-se em Lisboa tão diferente e tão igual, a capital de um país a caminho da bancarrota. “Os Maias”, escrito pelo genial Eça de Queiroz,

grande, melodramático, divertido e melancólico, aponta um destino sem remédio, tanto para a família Maia como para Portugal.

João Botelho

Between Afonso da Maia and his grandson Carlos is built the last strong bond of the Maia family. Carlos da Maia obtained a medical degree with honours from Coimbra University, after which he received a worldly education by means of a long trip around Europe. In the autumn of 1875 he then returned to Lisbon, to the great satisfaction of his grandfather. Over the next fourteen months, the comedy and tragedy of Carlos da Maia unfolds, grows and dies, just as Portugal’s own tragedy and comedy. The aristocrat doctor’s idle life, systematically accompanied by his peer, the writing genius of eternally unfinished works and smooth operator João da Ega, leads Carlos da Maia to encounter acquaintances, lovers and the *dolce fare niente*, full of convictions. Until he falls utterly in love with a woman as beautiful as a Madonna and as full of mystery as the naturalistic aesthetic heroines. A brand new character within an aesthetically revolutionary novel. The vertigo: a maddening passion beyond the dark past, a newer and darker fall, the incest. Even knowing that Maria Eduarda is his sister, Carlos’ passion does not die and he breaks all the rules. But then,



it ends abruptly because Afonso da Maia senior dies to absolve his grandson, who was his reason for living. And then, instead of a hero’s death, Eça’s new creation. Carlos and Ega leave for a long trip of idle life and small pleasures. Ten years later they come back to Lisbon, which is so different yet so very much the same, the country’s main city hurtling towards bankruptcy. Written by the genius Eça de Queiroz, “Os Maias”, great, melodramatic, fun and melancholic, points to a destiny without absolution, for the Maia family as well as for Portugal itself

João Botelho

Kaleidoscópio • Kaleidoscope

Nova Iorque - Uma maçã por dia, não sabe o bem que lhe fazia

New York – An apple a day keeps the doctor away



Nelson Loureiro



Depois de um diálogo confuso e difícil de transcrever com o condutor do *shuttle*, (o problema foi um “t” demasiado oclusivo na pronúncia de Water Street), é no coração do Financial District que nos instalamos para cinco dias de total mudança de opinião sobre a Grande Maçã.

Surpreendentemente é uma cidade sossegada, pelo menos neste fim de tarde de sexta-feira, em que copos de café em cartão e *bagels* circulam, nas mãos dos cidadãos, à velocidade de quem chega ao fim de uma semana de trabalho. Os carros de caixa automática também não deixam ouvir mais que um zumbido quase embalador. Quem diz que o trânsito em Manhattan é caótico, certamente nunca se viu cercado por turistas e italianos em fúria numa qualquer rotunda de Roma pejada de vespas e fiats. Caminhamos calmamente pela Downtown, onde os nomes das ruas ainda

não se resumem a números ordinais, desde a estação de metro até ao hotel. Afinal, “viajar é olhar” e é esse espírito que tentamos imprimir nas nossas viagens, em vez de uma correria a tentar preencher a *checklist* de atrações a visitar ou de tentar bater o recorde de número de fotos. E assim, a olhar, passamos pela NY Stock Exchange, pelo American Museum of Finance, até chegarmos ao emblemático touro de Wall Street, onde dezenas de turistas riem à gargalhada posando para fotos enquanto afagam a estátua, na esperança de atraírem sorte e prosperidade. Mais abaixo, o Battery Park e as docas oferecem uma vista em miniatura d’ “A Liberdade Iluminando o Mundo”. Por perto, o pesado Ground Zero, que acabamos por evitar, em parte por toda a zona estar em obras, com a construção do monumento em homenagem às vítimas e, depois, por ser... pesado.

Já de manhã, em frente ao Museu de História Natural, um executivo aperaltado e preparado para enfrentar o frio em tons de cinzento e de patins faz-se puxar por dois *pitbulls*, também eles cinzentos, a quem ordena que parem à nossa frente. Perante o nosso espanto, a resposta natural: “You look, they stop. Now say hi!” Uns sorrisos depois, um também cinzento Central Park de março leva-nos à colorida 5th Avenue onde, confessadamente, perdemos mais tempo do que devíamos. No museu Guggenheim, a funcionária da loja de lembranças tece um elogio às unhas pintadas de azul “sky blue, we don’t see much of that around here”. Curiosamente, o comentário repete-se mais tarde, numa loja da 5th. Não temos motivo de queixa, poucas são as ocasiões em que o céu não está azul, e o sol sempre ajuda a quebrar o frio, esse sim, omnipresente. Isto, claro, quando os raios “quentes” se conseguem esgueirar por entre >>



os edifícios gigantescos que criam uma das mais famosas silhuetas urbanas do mundo. O medo das alturas leva-nos a evitar alguns desses arranha-céus transformados em atrações, como o Empire State Building e o Top of the Rock do Centro Rockefeller. Não obstante, até vistas de baixo demonstram uma certa imponência e provocam tonturas...

Falando em tonturas, entrar na biblioteca pública é uma experiência quase mística para quem ame letras, palavras, história. Impressionantes centenas e centenas de metros de estantes antigamente paralelas ao solo, agora vergadas pelo peso do papel. Registamos, à entrada, as leituras do momento, “The Infinite Jest” de David Foster Wallace e “Fiesta” de Hemingway. Depois de alimentado o espírito, e do ato corajoso que é atravessar a ponte de Brooklyn a pé, optamos (e bem!) pela pizzeria na esquina oposta à da aconselhada em todos os guias. Fugidos da amálgama de turistas, ouvimos o sempre reconfortante “Excellent choice” antes de degustarmos a “típica” pizza.

Mesmo sem a vermos de cima, descobrimos facilmente que a ilha de Manhattan não é tão grande assim. Bastou darmos por nós a passar vezes sem conta à porta do Radio City Music Hall. Ao contrário de outras cidades, já ali é mesmo já ali. No MoMa, ficamos até à hora de fechar, fascinados com os Pollock, mas rapidamente, e antes que o nosso escasso tempo acabe, estamos a atravessar a maior Chinatown do mundo, a tal que abafou paulatinamente a Little Italy dos imigrantes mais antigos, e daí outra vez para o já não tão em voga Soho, e de volta para a Times Square, onde um jovem comediante repete a todos os que aparentam formar um casal “What are you guys doin’ tonight, besides each other?”, sem se preocupar com eventuais desconfortos. Em Nova Iorque, encontramos esta simpatia sem obsequiosidade ou condescendência. Nova Iorque não é humilde nem se nos apresenta

de nariz empinado, assume-se sem pedir desculpas, aceita elogios merecidos e críticas sem ressentimentos.

Por fim, e somando as coisas que ficaram por ver, fica a resposta repetida a quem pergunta “Gostava de lá voltar?”

Nunca de lá devia ter saído!



After a confusing and impossible to transcribe exchange with the shuttle driver, (the problem was a muffled “t” in the pronunciation of >>





Water Street), it is in the heart of the Financial District where we base ourselves for five days that would completely change our opinion of the Big Apple.

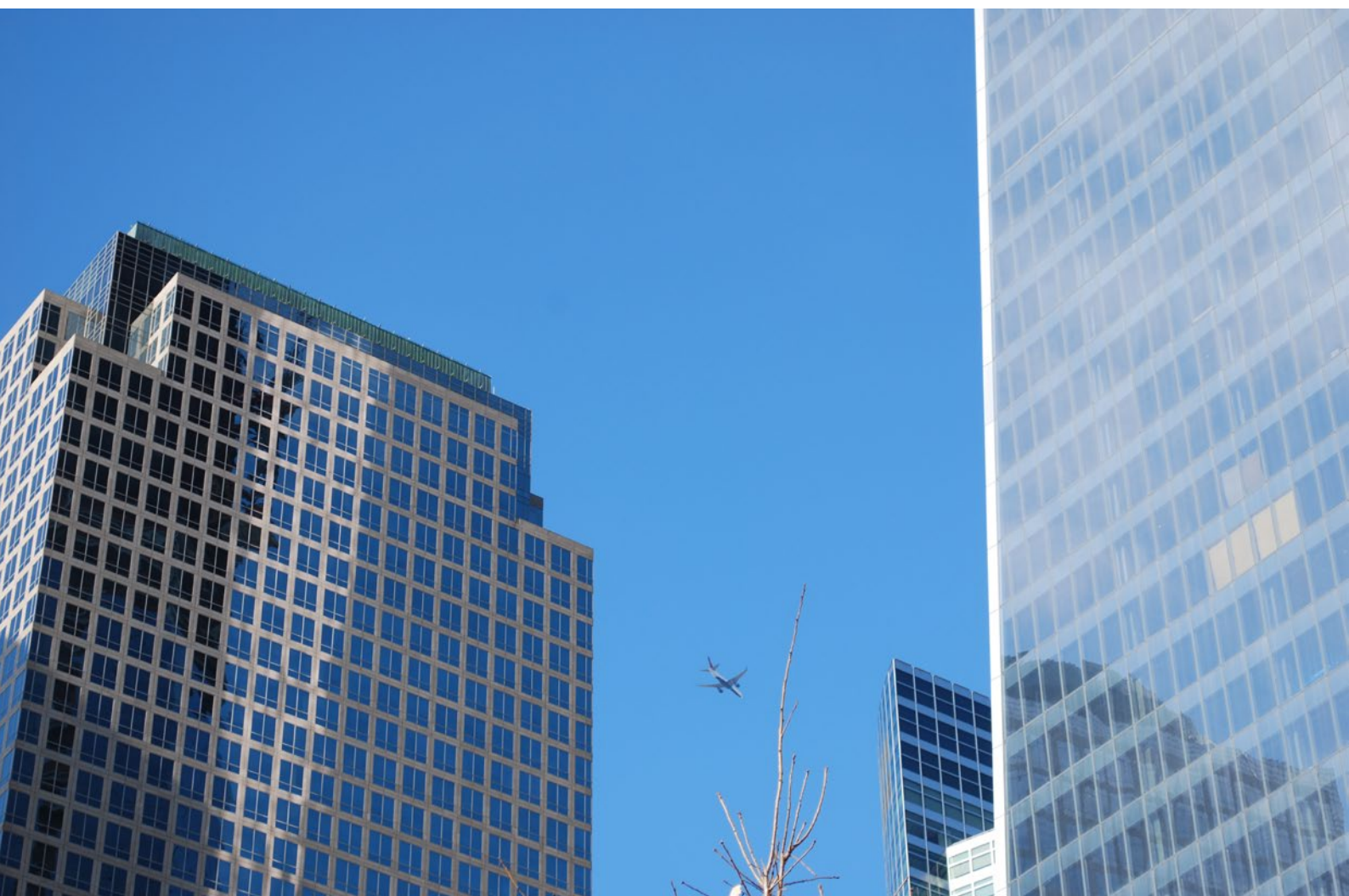
Surprisingly, it is a calm city, at least as this Friday afternoon draws to a close, where cardboard cups of coffee and bagels abound in the hands of the city dwellers, as the working week gratefully comes to an end. The automatic cars also scuttle past with an almost soothing sound. Whoever said the traffic in Manhattan is chaotic has certainly never been surrounded by a furious mob of tourists and Italians at one of any number of Rome roundabouts overrun with Vespas and Fiats. We stroll calmly through the downtown, where the names of the streets are not yet restricted to ordinal numbers, from the metro station to the hotel. At the end of the day “to travel is to observe” and this is the spirit with which we try to enjoy our holidays, instead of a mad dash trying to tick off a checklist of attractions to visit or attempting to beat the record for the number of photographs taken. As such, we take in the NY Stock Exchange, the American Museum of Finance, until we arrive at the emblematic Wall Street bull, where dozens of tourists drape the statue in laughter as they take photos, in the hope of attracting luck and prosperity. Further along, Battery Park and the docks offer a miniature version of “Liberty enlightening the World”. Nearby, the solemn Ground Zero, which we end up avoiding, partly because the whole zone is having work done to it, with the construction of the monument to pay tribute to the victims, and also because it is... a heavy experience.

In the morning, in front of the Natural History Museum, an executive warmly wrapped up to face the cold, dressed in grey and on skates was being pulled by two pit bulls, themselves grey, who he ordered to stop

in front of us. To our astonishment, he gave a ready response: “You look, they stop. Now say hi!” A few smiles later and the also grey Central Park in March took us to 5th Avenue, where I’ll admit we spent more time than we should have. In the Guggenheim Museum, the assistant in the souvenir shop uttered her admiration at blue painted fingernails: “sky blue, we don’t see much of that around here.” Curiously, the comment was repeated later, in a shop on 5th Avenue. We had no reason to complain, as seldom were the times when the sky was not blue, and the sun always did its bit to alleviate the cold, a more omnipresent inconvenience. That is, of course, when the “hot” rays managed to poke through the gigantic buildings that create one of the most famous silhouettes in the world. Fear of heights sees us avoid some of these skyscrapers transformed into attractions, such as the Empire State Building and the Rockefeller Center Top of the Rock. Even so, looking upwards provokes a certain sensation of grandeur and dizziness...

Talking about dizziness, entering the public library is an almost mystic experience for lovers of letters, words, history. One cannot fail to be amazed by the hundreds and hundreds of metres of bookshelves, formerly parallel to the ground, now curved by the weight of the paper. We note the latest hot reads at the entrance: “The Infinite Jest” by David Foster Wallace and “Fiesta” by Hemingway. After having nurtured the spirit, followed by the courageous act of crossing the Brooklyn bridge on foot, we decided (and it turned out rightly!) on a pizzeria on the opposite corner to that recommended by all the guidebooks. We escaped the crowds of tourists, and listened to the always comforting “Excellent choice” before enjoying the “typical” pizza.

Even without viewing it from above, we soon discovered that the >>



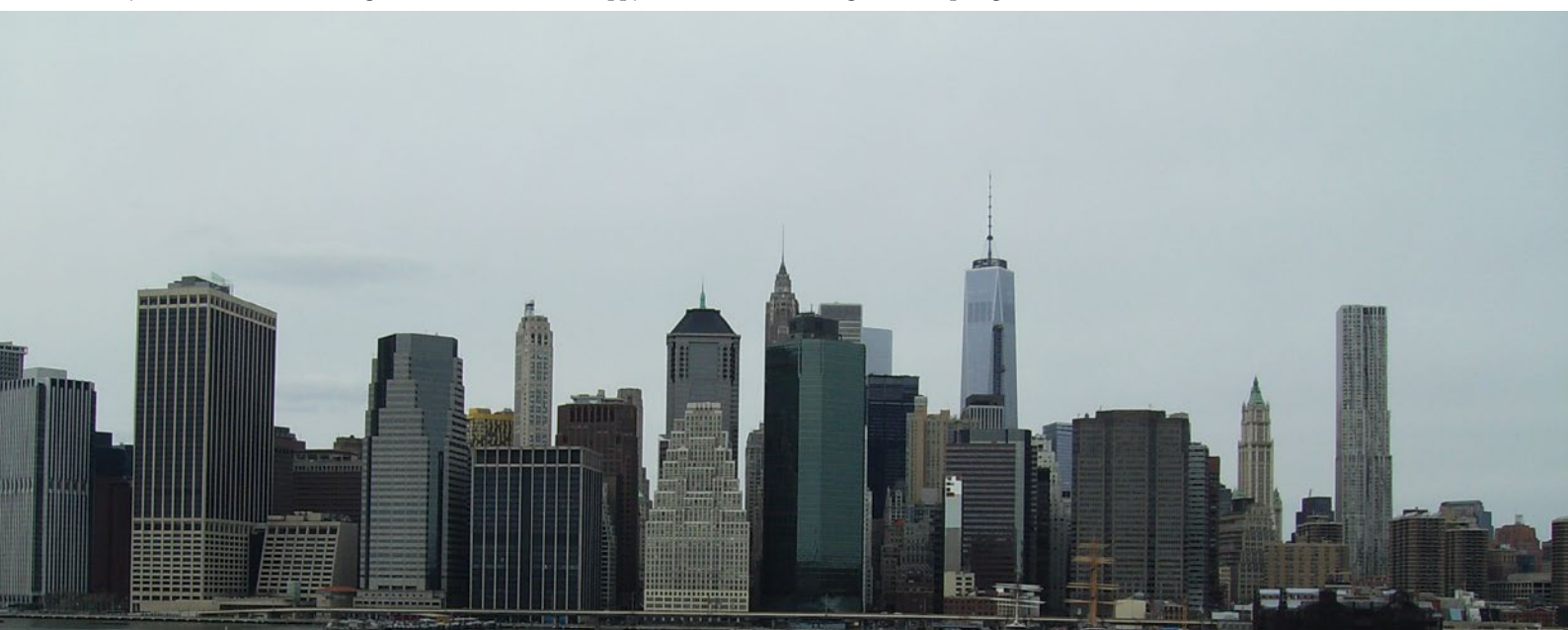
island of Manhattan is not that big after all. We needed only to realise how many times we passed by the Radio City Music Hall. In contrast to other cities, right over there is really right over there. In MoMa, we stayed until closing time, fascinated with Pollock's works, but quickly and before our time was up, we were crossing the biggest Chinatown in the world, which gradually outmuscled Little Italy from the oldest immigrants, and from

there to the now not so fashionable Soho, before returning to Times Square, where a young comedian was asking all young couples passing by, "What are you guys doin' tonight, besides each other?" without worrying about any embarrassment caused. In New York we find this cheerfulness without obsequiousness or condescendence. New York is neither humble nor does it look down its nose at us. It is happy as it is, without asking first, accepting

the praise it deserves, like the criticism it receives without bitterness.

Finally, and thinking about the things we did not get round to seeing, there is no doubting the answer to the inevitable question: "Would you like to go back?"

We should never have left! ■




magazinephilos

Esperamos que tenha gostado. Voltamos em dezembro.
Hope you have enjoyed. We will be back in December.